

SARNEY, JOSÉ

O PAÍS

Uma aliança para além de 2006

'Com PT e PMDB teremos uma força política capaz de pensar juntos o presente e o futuro' diz Sarney

ENTREVISTA

José Sarney

José Sarney (PMDB-AP) faz planos para o futuro. Pre-ga uma duradoura aliança com o PT, que inclui não

Treze anos depois de deixar a Presidência da República, o senador

só a participação no primeiro escalão, mas a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Aos 73 anos, 50 de carreira política, Sarney foi o principal aliado do governo no Congresso. Sua influência sobre o governo é comparada ao papel que Ulysses Guima-

rães exercia quando Sarney era o inquilino do Palácio do Planalto. Ele diz que não gosta de mandar, mas não rejeita a comparação. Elogia a administração petista e afirma que a chegada de Lula ao poder tem o significado de uma revolução pacífica.

Helena Chagas e Lydia Medeiros

BRASÍLIA

O GLOBO: A aliança PMDB-PT é para a reeleição do presidente Lula?

JOSÉ SARNEY: Vai mais além. A aliança do PMDB com o PT, a nosso ver, é importante para a estabilidade do país. Com o PT e o PMDB teremos uma força política sólida, capaz de trabalhar numa aliança estratégica, em programas, em decisões, e pensarmos juntos o Brasil do presente e do futuro. Queremos não apenas ser da base do governo ou participar de cargos. Queremos ser participantes das decisões. O PMDB sempre foi o partido das causas sociais. Nosso programa é todo ele um manifesto de compromisso com essas causas, e essa é a mesma visão do PT.

• Mas para isso o PMDB não precisa de um lugar de peso no governo?

SARNEY: O PMDB fez algo inédito, uma aliança política sem exigir vaga no Ministério. Esse foi um exemplo que demos durante o ano todo, com muita dedicação e lealdade. Evidentemente que o desdobramento dessa aliança importa uma participação do PMDB no governo. Acho que mais que ministérios importantes, devemos ter importância para participar das decisões do governo.

• O senhor foi o primeiro a defender a reeleição de Lula. Continua apostando?

SARNEY: É uma necessidade, já que a reeleição existe. Não vejo nenhum líder se formando para enfrentar o presidente Lula e tudo o que sua biografia representa. Vamos reconhecer: ele está fazendo um bom governo.

• Agora então é PMDB e PT?

SARNEY: Para o país, essa aliança é muito boa. Podemos ter um grande período de estabilidade política.

• Com oito anos de Lula e um terceiro mandato do PMDB?

SARNEY: Oito anos já é um período muito grande. Até lá, nem sei se estarei vivo.

• Que nota o senhor dá ao governo?

SARNEY: Jamais gostei de dar notas. Prefiro as pesquisas. O governo é bom, com viés para melhor.

• Mas o desemprego ainda é um grande problema.

SARNEY: Esse é o mais grave de todos os problemas. O emprego não depende diretamente de uma vontade política. Há o desemprego estrutural, o desemprego conjuntural e temos de lutar conta todos eles. O governo está consciente disso. Mas é um problema que está embutido no problema do desenvolvimento econômico. Sem crescimento não se resolve o problema do desemprego e o problema social. E o país está estagnado.

• Como o senhor avalia a ação social do governo Lula?

SARNEY: É outra mudança fundamental. Há prioridade para a visão social. O PT, que era um partido socialista, teve o problema de chegar ao governo quando o socialismo já tinha acabado. Hoje, quem é socialista é quem tem uma visão social, quem vê a sociedade não apenas do ponto de vista dos resultados econômicos, mas também da redistribuição de renda, da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Esse é o compromisso maior que o PT tem. A economia é um instrumento para esse objetivo. Estamos vendo que os programas sociais estão sendo restaurados numa visão sistemática, não eleitoreira. E isso não se faz do dia para a noite, é difícil. Da concepção até a ponta da linha, é um caminho difícil.

"Queremos não apenas cargos ou ser da base. Queremos ser participantes das decisões"

• O senhor dizia que 80% das decisões do presidente morrem na máquina administrativa.

SARNEY: A gente pensa que a Presidência tem a força do voluntarismo quando, na realidade, em matéria de administração pública, a sociedade é muito mais complexa. O Estado brasileiro passou a ser mais complexo e, quanto mais se moderniza, aumenta essa complexidade. Isso se resolve com melhoria da qualidade das ações políticas. E este foi um ano de amadurecimento político.

• A oposição costuma dizer que na eleição de 2002 o povo quis mudar não de governo, mas de oposição.

SARNEY: Esse é um avanço político. A vitória do PT propicia isso, que o partido tenha uma visão do que é o governo, e de que o antigo governo tenha uma visão do que é oposição. A vitória do PT mostra que todos os segmentos da sociedade brasileira conseguiram chegar ao governo. Ninguém mais pode dizer neste país que não teve chance de decisão.

• Completa a transição de forma definitiva?

SARNEY: Isso completa a democra-

cia brasileira, o ciclo republicano. Levar os operários ao poder é um ideal que tem 150 anos. Todos falavam em revoltas e revoluções, e conseguimos democraticamente. Graças a Deus não tivemos a ditadura do proletariado.

• As votações mostraram que a maioria governista no Senado não é tão sólida, não?

SARNEY: Aqui no Senado, como é uma casa bem menor que a Câmara, temos os interesses da Federação. A visão no Senado se completa com a da Câmara, mas não é idêntica. Acredito que no Senado, sem fazer uma contagem numérica, toda maioria é difícil. É uma Casa onde temos mais de 20 ex-governadores e ex-ministros, que lidaram com esses problemas e têm pontos de vista sobre eles.

• Dizem que o senhor manda mais neste governo do que no seu...

SARNEY: Não gostava de mandar nem no meu governo.

• Quando o chamam de Ulysses Guimarães do governo Lula, o que o senhor pensa?

SARNEY: Só a comparação com Ulysses é honrosa para mim. O que ele queria era ajudar o país, da mesma maneira que eu. Ele tinha grande influência no meu governo, mas os tempos eram outros. Não vamos comparar quantidades desiguais.

• Há uma animosidade entre Câmara e Senado por causa da convocação do Congresso em janeiro?

SARNEY: Não há conflito nenhum. A Câmara fez um excelente trabalho na reforma da Previdência. Quando a proposta chegou, as reações foram muito grandes, a começar pelo Judiciário, onde as coisas pareciam intransponíveis. O presidente João Paulo abriu a negociação, e a reforma saiu da Câmara bastante melhorada, com solução para muitos problemas. Evidentemente, as duas Casas legislativas têm aspiração de participar. E para que não fosse prejudicada a promulgação da reforma este ano, votamos sem mudança, e foi feita uma reforma que se chamou de paralela, justamente para os pontos que ainda não haviam sido negociados e que o Senado conseguiu negociar. Foi um trabalho de complementaridade das duas Casas.

• E se a Câmara mudar o texto?

SARNEY: A PEC paralela é uma continuidade da reforma original. Apenas alguns tópicos foram acrescentados e acho que os mais relevantes são os que se referem à paridade e às regras

de transição. A divergência foi formal. O presidente João Paulo considera que o prazo que vamos ganhar não é tão significativo para a conclusão da votação. E a visão que o Senado tinha era que para aprovarmos a reforma da Previdência era preciso votar o mais rapidamente possível. Não há atrito.

• Deputados se queixam do fato de os senadores estarem com a fama de bonzinhos em relação à reforma, enquanto eles tiveram de ser mais duros e não puderam ceder nas negociações. Há muito ciúme?

SARNEY: Essa não é a hora de se julgar desempenhos pessoais nem medidas de valor sobre as atitudes tomadas pelas duas casas. É a hora de encontrar um resultado final. Se a reforma da Previdência for boa, o que o povo brasileiro vai reconhecer é que o Congresso, Câmara e Senado, trabalharam bem nesse assunto. Um assunto tão controverso e difícil que foi preciso uma obra de engenharia política na Câmara e no Senado para que pudéssemos fazer essa reforma há tanto tempo desejada. Ninguém negociou mais com uma Casa ou outra, todos fizeram o que foi possível.

• Depois das reformas, que balanço o senhor faz da articulação política no governo Lula? Precisa de ajustes?

SARNEY: O resultado do governo é muito positivo. O primeiro ano é sempre de acomodação, principalmente com o PT, que era um partido de oposição. É mudar de água para vinho. Mas com as dificuldades de acomodação da máquina administrativa, o resultado final é positivo.

• Qual a agenda para 2004?

SARNEY: O Congresso teve um ano produtivo. Não ficamos só nas reformas. Tivemos o Estatuto do Desarmamento, o seguro rural, a lei da Mata Atlântica, os transgênicos, a legislação contra a pirataria. Duas reformas são importantes para o ano que vem: a política e a do Judiciário.

• Há condições de aprová-las num ano eleitoral?

SARNEY: São resultado de vontade política. Elas não interferem na eleição e é até um bom momento para tratar da reforma política. Pior foi fazer as reformas da Previdência e a tributária num primeiro ano de governo.

• O senhor acha que as eleições serão um julgamento do governo?

SARNEY: Não devemos federalizar as eleições municipais. Todos saem perdendo.

• Mas não é inevitável?

SARNEY: Os assuntos locais são tão legítimos que puxam a eleição. É um momento no painel da construção do sistema democrático de a comunidade discutir o problema do dia-a-dia.

• O senhor sempre foi um defensor da liturgia do cargo. Vemos que o presidente Lula é avesso ao protocolo. Como o senhor vê o estilo dele?

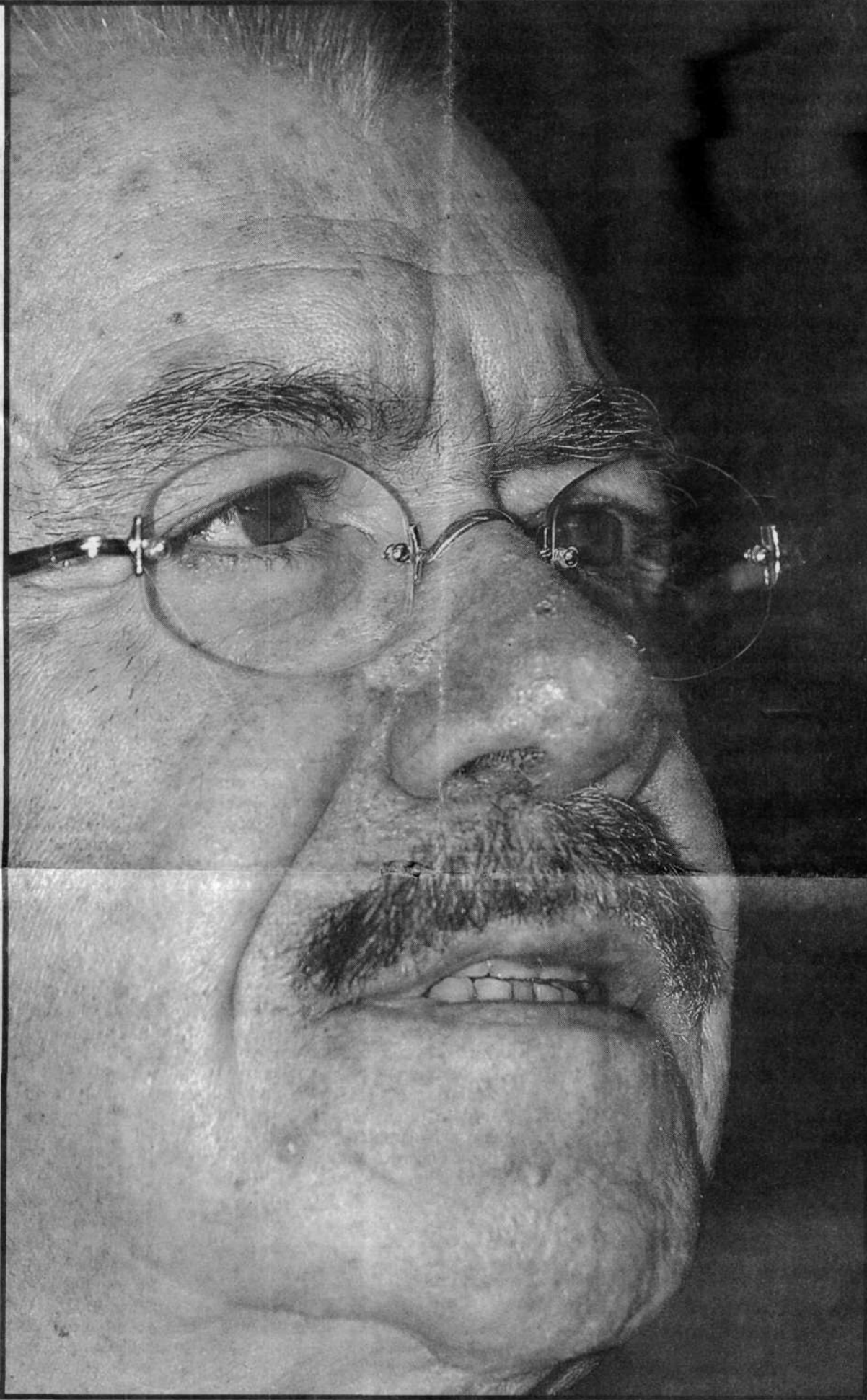
SARNEY: Ele não tem violado a liturgia do cargo. Cada presidente tem seu estilo. Ele é uma pessoa extrovertida. O temperamento não influencia nas formalidades do exercício da Presidência. Ele não tem sido um rebelde em usar os paramentos.

• Como é conviver com a filha, a senadora Roseana? O senhor já disse que ela é um anjo da guarda.

SARNEY: Tenho muito orgulho da minha filha, gosto muito dela, mas tenho medo dela. Ela, comigo, é mais exigente do que com qualquer um.

• O senhor não é um pai exigente?

SARNEY: Eu lá tenho força para isso! Sou só carinho.



JOSÉ SARNEY: "Não vejo um líder para enfrentar o presidente Lula. Vamos reconhecer: ele está fazendo um bom governo"

Allison de Freitas/29-1-2003